

BRASIL-PORTUGAL

1 DE SETEMBRO DE 1905

N.º 159

Nas ruínas de um castello



CHRONICA



FEM feito certa impressão os ultimos acontecimentos politicos. Porquê? Serão acaso mais graves do que muitos outros a que se tem ligado minima importancia? Não nos parece. Antes se deverá recorrer as razões d'essa impressão, no pouco habituado que o paiz estava ultimamente aos grandes debates parlamentares. O ultimatum de 1890 mudára a phase da politica portugueza, e a crise financeira d'esse mesmo anno, com todas

as suas tristes consequencias para o paiz, incutira um certo pavor a governantes e a governados. Emquanto as circumstancias economicas do paiz não mudaram, tudo pareceu moderado mas logo que o convenio se firmou, a politica começou de novo a deitar as mãosinhas de fóra...

Do parlamento, a politica sahira quando a libra começára a ter agio. Rasoavel é que quando ella está quasi ao par, surja de novo e mais galharda que nunca. Estas transformações que levaram uns bons quinze annos explicam, na nossa opinião, o espanto de muita gente em face dos ultimos acontecimentos politicos e parlamentares. Essas sessões atribuladas e tumultuosas podem ser, pelos novos, alcunhadas de escandalosas. Para a chronica que já é velha, ellas não são mais do que foram muitas outras, do tempo em que se fazia melhor administração e mais politica, e por isso não admira que o chefe actual do governo que é tambem já velho encare a situação com maior serenidade do que muitos dos seus collegas e correlegionarios. O sr. conselheiro Luciano de Castro está acostumado ás luctas politicas, accessas, apaixonadas, injustas muitas vezes. Não o amedrontam as tempestades parlamentares, porque foi ao seu rugir que elle se fez e creou, e o que se tem passado nas ultimas sessões das camaras, por mais inverosimil e por mais escandaloso, não é afinal senão uma pallida repetição das luctas de outro tempo. O proprio presidente do conselho actual teve uma boa amostra d'ellas, no primeiro ministerio a que presidiu. A opposição d'esse tempo ficou memoravel e ainda hoje existem muitos dos que mais se distinguiram n'esses combates da palavra, e que por certo não partilham nem da indignação nem do espanto da maioria do publico, em face dds ultimos acontecimentos.

O que torna estes mais difficeis na sua solução logica, é a perturbação partidaria provocada pela recente desintelligencia do grupo alpoimista, e que enfraquecendo o partido enfraqueceu necessariamente o gabinete que tem como chefe o proprio chefe do partido. Os dissidentes continuam progressistas, como elles se dizem, mas o que elles nunca mais podem ser é compatíveis com o seu chefe, tão tenso se tornou o debate na camara electiva e depois na camara alta onde assumiu mesmo a proporção de um desagradavel conflicto pessoal.

Um velho dictado diz: *Ralham as comadres, descobrem-se as verdades*, mas em politica nunca se sabe bem o que é a verdade, por tal forma ella apparece desfigurada com sophismas e argucias. O que é certo é que o conflicto se deu a proposito de uma questão que está preocupando não se dirá com propriedade, a opinião

publica, mas a opinião dos jornaes, o que não é propriamente a mesma coisa.

Essa questão que seria simples de resolver, se não fóra a rivalidade de interesses que o seu resurgimento provocou, está hoje mais emaranhada do que nunca e quando o mais racional bom senso ensinava a que se chegasse o mais depressa possivel ao seu termo, é exactamente quando tudo a demora, a posterga, e a adia talvez. Os problemas economicos e financeiros, especialmente aquelles a que estão ligados interesses grandes, como os da receita do monopólio dos tabacos, soffrem ao passar pela politica, as oscillações provocadas pelo embate das paixões e das conveniencias de cada um, e sempre que os governos não tenham — porque não saibam ou não possam ter — a habilidade de os resolver de prompto, quasi de chofre, com uma grande nitidez de processos, hão-de fatalmente acarretar perturbações difficeis de acalmar. A questão dos tabacos vae em mau caminho. Enveredou primeiro na azinhaga tortuosa das luctas financeiras, parando a cada momento para as escutar, com receio de levantar attrictos e sem se lembrar que não ha maior attricto em assumptos como esse, do que a incerteza e o medo. Depois deixou se abraçar pela politica, subjugar até e o resultado ahi está bem patente, infelizmente. Dentro em menos de dois annos, o governo — em vista da denuncia feita ao antigo contracto — tem de pagar as obrigações dos tabacos, e fatalmente, cada dia que decorre, a medida que se vae aproximando esse termo, maiores e mais desoladoras serão as condições para se entabolar uma *entente* com os negociadores, sejam estes quaes forem. Pensar que quem faz o seu negocio, ha de ter todas as considerações com o devedor, é uma verdadeira utopia. Quanto mais triste é a situação do devedor, maior é a usura do agiota, e o que succede na vida dos homens succede tambem na vida das nações. Foi por isso que em 1891 se celebrou um contracto mau e para desejar será que se não dêem agora as mesmas razões...

O imprevisto das ultimas sessões do Parlamento tem dado á vida da capital uma certa agitação de curiosidade. O publico que aprecia sempre o escandalo — seja qual fóra o tempero com que lh'o sirvam — acompanha sempre com attenção o seguimento dos acontecimentos, aprecia-o, discute-o, e interessa se até, tanto quanto póde interessar-se um paiz que não falla senão em politica mas que se não importa absolutamente nada com ella. Esta anomalia dá-se em Portugal. Atravessa se uma rua, passeia-se n'uma avenida, pára-se á porta de uma loja e não se ouvem senão dois nomes: o do sr. José Luciano e o do sr. Alpoim, mas não se vá julgar que alguém se preocupa em saber o que qualquer d'elles pensa sobre a questão primordial. O que se procura apenas é saber o que elles pensam... um do outro. Mais nada. Teem ao que parece, cada um, opinião diversa sobre o contracto dos tabacos, mas o que teem com ceteza ambos é uma opinião má sobre o outro. E' essa opinião que se quer conhecer, e commentar, que se saboreia com uma alegria de *gourmet*. Se amanhã pelos vae-vens da politica fosse possivel uma aproximação entre os dois, se o Komura governamental que n'esse caso poderia ser o sr. Veiga Beirão chegasse a entabolar a paz com o Witte alpoimista que seria o sr. Pinto dos Santos veriam como a attenção publica se desinteressava logo da questão, a não ser que os chins, que são os Reillacs da Mandchuria, reclamassem o Porto Arthur do D. Miguel.



A exposição e a cidade de Liège

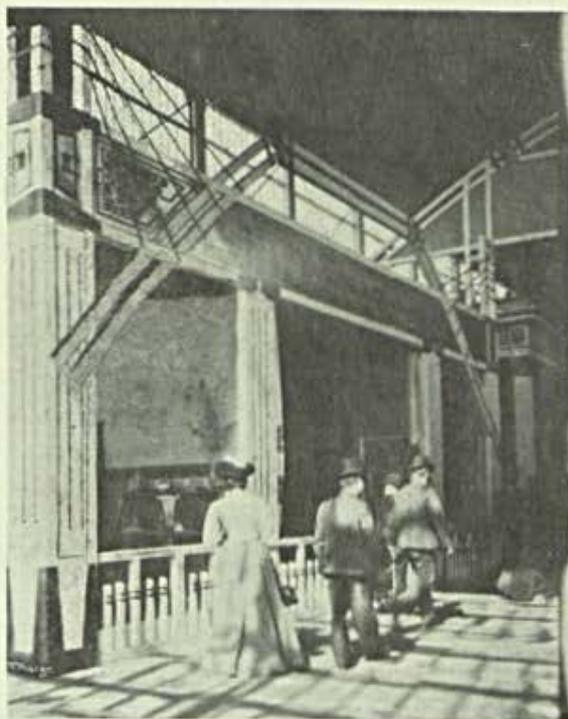
Liége é uma cidade interessantíssima. Modernizada, com todo o pittoresco da natureza e todas as commodidades da civilização, dentro da sua esphera de acção como cidade de terceira ordem de um paiz em situação privilegiada, como é a Belgica, teve a veicidade de se transformar provisoriamente n'uma cidade de prazer, ella que é apenas uma grande cidade de trabalho. Idealizou e levou a cabo uma Exposição Internacional, iniciativa onçada, se quizerem, mas, em todo o caso, benéfica e com resultados satisfatórios, e esse certamen de trabalho a que mais propriamente se poderá dar o nome de Exposição dos povos que falam a lingua franceza, — porque a larga representação é da França e da Belgica franceza — tem chamado á pequena cidade, extraordinaria affluencia de forasteiros. Pequena cidade escrevemos, mais por habito do que por convicção. É tradicional chamar-se pequena á Belgica, pequeno Liège a Bruxellas, pequenas a todas as suas cidades florescentes e garridas, ligadas umas ás outras por viagens commodas e baratas, e no entanto a Belgica se não rivalisa em extensão com as grandes nações, hombraia com ellas no seu desenvolvimento fabril e commercial. Bruxellas não é tal um pequeno Paris. É uma grande cidade e se se quizer comparal-a a Paris, então diga-se que é mais bonita do que a capital franceza, o que não quer dizer que tenha a extraordinaria animação que só em Paris ha, porque Paris é unica no mundo. Mas é mais pittoresca e menos cosmopolita. Portanto mais elegante e mais chic. Liège é outra coisa — é a capital do ferro. A cada canto topa-se com uma fabrica. Ao lado de cada fabrica ha uma mina de carvão. A sua população é quasi toda operaria — operarios que pensam e operarios que trabalham, os que delinçiam e os que executam, os que architectam e os que manobram, os que transformam por exemplo Seraing — onde estão installadas as fabricas Cockerill — n'um extraordinario paiz fabril e os que encontram n'esse paiz, para descanso do seu mister pesado e aspero, a hygiene e o bem estar necessarios á vida. A cada canto surge no espaço um canudo de ferro — é uma chaminé. Faia uma atmosphera de fumo. São negras as frontarias das casas, á agua falta a limpidez crystalina que lhe é peculiar, ha uma poeira preta que suja tudo e quando horas depois de lá entrarmos, examinamos a roupa que vestimos, as luvas que calçamos, o chapéu que pomos na cabeça, encontramos-os não empoeirados de branco, mas enegrecidos de carvão.

Liège, repetimos, tem uma mina de carvão no lado de cada fabrica. D'ahi a barateza da obra prima n'uma concorrência extraordinaria com a dos outros paizes. Ao passar Namur começa-se a avistar montanhas muito negras e pouco a pouco, á medida que nos approximamos de Liège, esses montes vão-se desenhando nitidamente, sem perderem a sua negrura. Não ha rochedos, não ha verdura, ha apenas carvão, porque de carvão é que elles são... Ao lado da sua força fabril que é a principal, Liège é ainda uma cidade de estudantes que percorrem desciuidas e alegres as ruas. A sua universidade é das mais frequentadas e das mais importantes da Europa. Mas Liège não tem já o característico das cidades universitarias — como a nossa Coimbra e como a Salamanca hespanhola — Liège não parou, andou sempre, e é hoje tambem uma cidade moderna com todos os attractivos para os forasteiros, a que se juntam agora os da Exposição.

Não podia ser mais pittoresco o local escolhido. Fica nas margens do Meuse um rio estreito e pittoresco, que corre no centro da cidade e liga-a uma ponte nova, bonita, artistica e bem lançada. A empresa emprehendida pelas autoridades e habitantes de Liège não foi isenta de difficuldades, mas como todas as empresas onçadas teve logo os seus detractores. Alvitrou-se então fazer uma triplex Exposição em Liège, em Bruxellas e em Anvers, para que a capital do reino e a capital maritima não ficassem descontentes. Bruxellas teve-a em 1894, Anvers em 1897, Liège agora. Os trabalhos duraram 7 annos, e a primeira pedra dos grandes halls foi solememente lançada a 23 de junho de 1903. Dois annos depois, inaugurava-se a Exposição com o concurso valioso, apesar de não muito variado, de varias nações, especialmente da Alemanha.

A Exposição occupa 72 hectares de terreno e galerias dividem-na em quatro partes distinctas. Essa area abrange o parque da Acclimação e o antigo Jardim Zoologico, muito frequentado e no qual ha semanalmente concertos de boa musica. Quando a exposição fechar, o parque e o jardim passarão de novo para os seus antigos proprietarios. Dentro do novo recinto fica ainda uma vasta planicie, — *plaine des aguasses*, chamada — muito pittoresca e que completa bem a Exposição sob o ponto de vista de passeios. Como vêem adoptou-se o que de melhor havia na cidade, no muito que havia a fazer para a Exposição. As quatro partes em que esta se divide, como já dissemos, podem ser assim denominadas: a parte destinada á horticultura, á agricultura e aos

sports; outra, que é exclusivamente do dominio da industria e do commercio, cujos productos se admiram em grandes galerias; a terceira, dos magnificos palacios das Bellas artes e da arte antiga, *rendez-vous* dos colleccionadores e dos artistas; e a última, encarregada de distrahir e de divertir o visitante, parte essencialmente alegre e variada, com perto de quarenta pavilhões á roda dos grandes halls. Uma viagem de cinco minutos n'uma cabine dos aero-planos — que uma gravura reproduz hoje nas nossas paginas — basta para se ter impressão geral do pittoresco da Exposição. A direita avista-se o panorama, construção de estylo oriental, reproduzindo a entrada da caravana no Cairo. Visinha do Oriente, temos o Senegal, uma pequena aldeia com mesquita, marabus e mahometanos, homens, mulheres e creanças que ali vivem a sua vida normal, exercendo os seus diferentes officios, alfaiates, cinzeladores, sapateiros. Mais adiante, a montanha russa, depois a *Water-Chute*, dois divertimentos concorridos por todos os que gostam de sensações fortes; o carro que se despenha n'uma cor-



Na Exposição de Liège

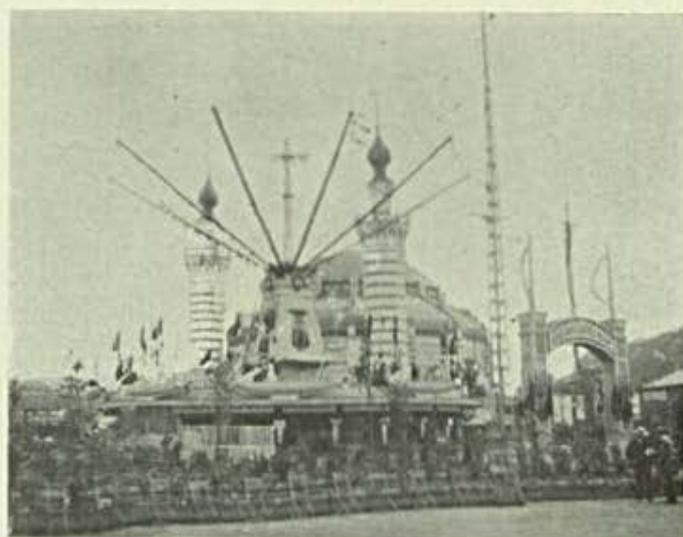
reria louca, em cabriolas estonteadoras, e o barco que rola pela ponte inclinada até cahir na agua. Eram os dois rios da exposição, em frente dos quaes de manhã e á noite, estacava uma multidão aborçada, que se renovava invisivelmente. Em todo o caso, a affluencia dos espectadores sempre era maior que a dos amadores, e os empregados, especialmente os do *Looping-Loop*, viam-se na necessidade de fazer a miúdo a viagem por falta de passageiros. Dos nossos compatriotas, um só se arriscou a tal: o sympathico congressista da imprensa Tavares de Mello, que mostrou bem ás massas boqui-abertas que ainda ha portugueses. Teve de repetir a viagem, para metter em brios tres confrades italianos, um pouco receiosos de... enjoarem.

Da montanha e da *Water-Chute*, deu-nos varias gravuras a objectiva de Arnaldo Fonseca, que muito distinctamente honrou Portugal em Liège no congresso da photographia, de grande alcance scientifico. São d'este nosso collaborador artistico ainda as outras gravuras que ficam constituindo um rapido passeio pela cidade e pela Exposição de Liège.

JOÃO COSTA.



Exposição de Liège. — A entrada principal



Na Exposição de Liège. — Os aeroplanos

Uma revolução antiga na Russia

(Sacher Masoch)

A regente Anna de Brunswick conversava no seu tocador com o amante, conde de Lynar, quando bateram com força á porta. A principio não respondeu, mas quando bateram ainda com mais força exclamou zangada:

- Quem é a estas horas da noite?
- Sou eu, Anna — respondeu uma voz de fóra.
- E' meu marido! — disse a regente com um sorriso.
- Sua Alteza terá ciúmes? — perguntou Lynar.
- Que idéa, naturalmente está embriagado — murmurou a duquesa.



Na Exposição de Liège. — Ponte de Fragnée

- Abre ou não! — insistiu Ulrico de Brunswick.
- Que quer? — retorquiu a regente. — Estou na cama e quero descansar. Ha fogo?
- Não ha, minha querida, mas sei de fonte limpa que se trama uma conspiração contra si entre as tropas e o povo, e eu venho pedir-lhe para tomar providencias sem demora -- additou o duque.
- A regente principiou a rir.



Na Exposição de Liège. — Um grupo allegorico ao lado da entrada dos «Halls»



Liège (Belgica). — A «Batte» mercado especial aos domingos no caes chovado da Batte (é um pouco a nossa feira da Ladra)

- Em que pensa agora de noite; parece que bebeu de mais; ha tempo amanhã.
- Talvez não haja. Tenho provas.
- Pois sim! Mas agora deixe-me dormir. A'manhã trataremos d'esse assumpto — respondeu a regente.
- Boa noite!
- Ouviram-se depois os passos do duque que se retirava.
- Que mania! — disse a regente para Lynar. — A' meia noite vem despertar-me para falar de cabalas, para no dia seguinte se vingarem d'ellas nas costas dos soldados.
- E em todo o caso não devia pensar tão levemente n'essa conspiração — insinuou Lynar.
- Ah! é um passatempo, quando não ha outra coisa em que conversar — explicou a regente. — Quando eu me liguei a Munnich para derrubar Biron ninguém falou em tal.

Chegou a noite de 5 de dezembro de 1741. Fazia um frio intoleravel. Depois das onze da noite reuniram-se os chefes dos conspiradores no pequeno palacio da gran-duquesa.

O palacete pelo lado exterior não denotava nada de extraordinario, nem se via luz alguma. Tudo parecia dormir. Só a pequena sala que dava para o jardim estava illuminada.

Os conjurados combinavam ali os ultimos pormenores, enquanto Isabel no seu tocador se vestia com esmero e garridice, como se fóra para um baile da corte ou para receber um amante. Por fim appareceu na sala com um orgulhoso sorriso nos labios, porque sabia que estava extraordinariamente formosa.

Trajava um vestido de velludo cor de esmeralda, curto, botas altas,



Liège (Belgica). — Outro aspecto da feira «A Batte»



Liège (Belgica). — Mais um aspecto da feira «A Batte»



Na Exposição de Liège. — Um caso raro:
um homem em pé, sem pernas

jaqueta da mesma cor do vestido, debruada de pelles e enfeitada com alamares dourados, a imitar o uniforme do regimento Preobrasenski, luvas brancas, de canhão.

Cingia-lhe a delicada cintura um boldriê de couro branco, do qual pendia uma espada e onde estavam mettidas duas pistolas. Sobre a linda e empoada cabeça puzera o shako de Astroski e trazia na mão um chicote.

Da bocca de todos sahiu um grito de admiração, que lhe pareceu ser de bom presagio. Comprehendia que n'essa noite devia estar mais fascinadora que nunca e conseguira-o, porque a sua formosura deslumbrava.

Apertou a mão a cada um dos conjurados e assentou-se para assignar as ordens que redigira.

— Como vêem, não me eximo a responsabilidades; patenteio que tudo quanto fazem é em meu nome — disse a gran-duqueza com nobre orgulho. — Venceremos juntos ou perder-nos hemos todos. Só uma coisa desejo: é que não se derrame sangue, apenas na ultima extremidade.

O primeiro que sahiu foi o estudante Battog, que se dirigiu ás tabernas a procurar os seus amigos. Meia hora depois fizeram o mesmo Suvalof e Astroski.

Quando na torre da cathedral visinha souo um quarto para a meia noite levantou-se Lestoeq e disse:

— Chegou o momento, Alteza; desde agora cada minuto pertence á Historia.

— Deem-me licença por alguns instantes — respondeu Isabel.

Entrou na sua alcova e ajoelhou em frente do oratorio.

Resava com uma devoção e sinceridade como nunca o fizera até então. Implorava o triumpho e rogava com toda a alma que lhe fosse permitido alcançar a corôa sem derramamento de sangue, sem ter de sa-

crificar nenhuma vida, e prometteu, se Deus a ouvisse, nunca castigar ninguém com a pena de morte enquanto reinasse.

Quando se levantou Lestoeq estava sobre brazas. — Temos que nos apressar, Alteza — recommendou o medico.

— Estou prompta — respondeu Isabel com uma majestosa gravidade, que até ahí ninguém lhe conheera.

— A caminho, com o auxilio de Deus!

Embrulhou-se n'uma capa de pelles e desceu lentamente a escada. Em baixo esperava-a Voronzof com o tremó, que elle proprio guiava. A gran-duqueza e Lestoeq subiram para o vehiculo e logo que estalou o chicote, os fogosos corceis partiram a galope, não como das outras vezes ao alegre som dos guizos, mas muito silenciosos. Ninguém falava.

O gelo cobria as ruas d'uma camada espessa; os telhados, as janellas e hobreiras das portas desapareciam debaixo d'um revestimento de neve scintillante; no firmamento sombrio rutilavam myriades de estrellas como um manto recamado de pedraria. Não se via viv'alma, apenas n'uma guarita um soldado, com a arma ao hombro, dormia em pé, mais nada. Por detraz das vidraças d'uma taberna coava-se uma luz suspeita.

A gran-duqueza contemplou o admiravel e tranquillo ceu da meia noite e de repente pareceu-lhe a empresa a que metterá hombros, esta lucta para o poder terrestre, tão pequena, o mundo no qual a humanidade sempre inquieta se destroe reciprocamente, um formigueiro tão insignificante, que não merecia um simples desgosto ou cuidado.

Reinava uma calma solemne quando a impressionavel princeza chegou ao quartel de regimento de Preobrasenski.



Na Exposição de Liège. — A cervejaria Augustiner-Bräu



Um canto antigo de Liège (Belgica)



Exposição de Liège. — Na secção chinesa

Lestocq foi o primeiro que se apeou e bateu tres vezes com a corôna da pistola no portão; dois officiaes, cuja cumplicidade fôra obtida mediante valiosas sommas, esperavam pelo signal e abriram a porta immediatamente.

O trenó parou na parada, Isabel saltou d'elle com agilidade e no mesmo instante foi cercada por soldados que lhe beijaram a orla da capa.

— Acordem os seus camaradas — ordenou ella com incomparavel dignidade — digam-lhes que estou aqui e que lhes desejo falar.

Os officiaes apressaram-se a dar instrucções e não tardou a apparecerem luzes nas janellas e a acudir militares, que corriam para a parada a saudar com grande jubilo a princeza.

Quando o regimento estava todo formado, Isabel entregou a capa a Voronzof e appareceu com o uniforme do corpo de Preobrasenski no meio dos soldados.

— Olhem, traz o nosso uniforme — diziam uns para os outros com alegria. — E' um bom signal.

— Vim aqui, meus amigos — discursou a gran-duqueza — porque preciso auxilio e proteccão e não tenho ninguem no mundo que m'a dê a não serem os intrepidos soldados d'este corpo. Sabem como os estimo e espero que me sirvam com lealdade. Peço-lhes que me salvem dos meus inimigos que me querem perder sem eu nunca lhes ter feito mal. Querem ajudar-me?

— Queremos, queremos — exclamaram alguns — para a vida e para a morte!

— Descobriu-se um trama medonho da regeste e dos ministros — continuou Isabel — d'esses allemães que vos maltratam e vos escravizam sequestrando as vossas propriedades; sabem muito bem que sou a

filha de Pedro o Grande, a unica esperanza dos russos. Para conseguir os seus fins resolveram prender-me e enclausurarem-me n'um convento.

— Miseraveis! — exclamaram os soldados. — Isso não ha de acontecer, porque nós não consentiremos.

— Louvado seja Deus! — exclamou a gran-duqueza. — Encontravos tão animosos quanto o esperava. Estão n'esse caso resolvidos a proteger-me e a defender os meus direitos?

— Estamos! estamos! — bradaram centenas de vozes.

— Então não percam tempo — aconselhou a gran-duqueza. — Os meus inimigos querem prender-me ao nascer do sol. Temos que lhes tomar o passo e ao mesmo tempo apisionar a duqueza allemã com seu filho, que usurparam o throno da Russia sem direito nem justiça, quando elle me pertence pelo testamento de meu pae, annullado por esses intrusos. Ao mesmo tempo é necessario encarcerar todos os estrangeiros que não estimam os russos; não necessitamos nem do tzar allemão, nem de ministros, nem de generaes allemães.

— Fôra com elles — gritaram os soldados á uma.

— Tudo quanto fôr contra nós ha de ter o merecido castigo! — exclamou Isabel. — Os que me seguirem e desejam o bem da Russia hão de ser generosamente recompensados. Peguem em armas e acompanhem-me; eu propria os commandarei, e se tem tanto animo como eu, fragil mulher, ao romper da aurora seremos senhoras do imperio e da capital.

— Sim, commanda-nos, mãesinha! — berraram os soldados — A's armas, camaradas! Viva Isabel Petrovna, a nossa tzarina!

— Socego, meus amigos! Não despertemos cedo de mais os nossos inimigos — aconselhou Isabel. — Quero apanhar-os a dormir, não desejo verter sangue.

Os soldados entraram nas casernas e voltaram armados. Os officiaes formaram as companhias e Isabel postou-se á frente do regimento, saudada pela primeira vez pela bandeira gloriosa da Russia.

Dividiu o regimento em diversas forças, commandadas pelos officiaes



Na Exposição de Liège. — A Water-chute



Na Exposição de Liège. — A entrada dos «Halls»

mais dedicados, e mandou cercar o general Munnich, os ministros Ostermann e Golofkin, o marechal conde de Lövenvolde e todos os partidarios da regente.

Depois subiu para o trenó escoltada por um piquete. Os conspiradores conseguiram cercar o palacio imperial sem serem vistos; quando as sentinellas principiaram a dar o signal de alarme já era tarde de mais para opporem resistencia. Isabel saltara do trenó e approximou-se do official que commandava a guarda.

— Eu sou a verdadeira tzarina! — exclamou Isabel. — Quem é contra mim, é contra a Russia.

As sentinellas estavam indecisas.

— O dever é defender os nossos postos até á ultima — declarou o commandante.

— Se fôres traidor! — atalhou Isabel com majestade. — Dou apenas um minuto para te resolveres.

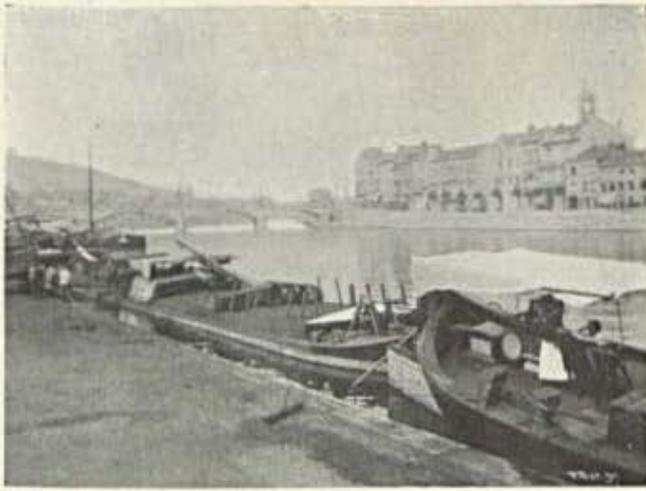
O capitão não pensou durante muito tempo; collocou a barretina na ponta da espada e gritou:

— Viva Isabel Petrovna!

Os soldados imitaram-n'o. Os destacamentos conduzidos por Lestocq e Voronzof entraram no palacio.

N'esse instante avizinhavam-se densas e escuras columnas de tropas de todos os lados.

— Que será aquillo? Estaremos trahidos? — exclamou a gran-duqueza.



Liège (Belgica). — O rio «Meuse»



Liège (Belgica). — Outro aspecto do rio «Meuse»

Agarrou na bandeira e correu ao encontro dos que se approximavam, com desprezo da morte. Acercou-se da princeza um cavalleiro: era Astroski.

— Victoria! Victoria! — bradou. — Trago-lhe o regimento de Tolsk.

Ao mesmo tempo surgia Suvalof com os esquadrões de cavallaria da Guarda, que se distinguiram ao longe pelos uniformes brancos com peliças vermelhas. Atraz vinham outras forças.

Quando as tropas viram a gran-duqueza com o bem conhecido uniforme, tendo n'uma das mãos uma espada e na outra empunhando a veneranda bandeira da Russia, sahiu de todos os peitos o grito de:

— Viva a tzarina! Viva Isabel Petrovna!

D'alli a pouco chegou Lestocq com a noticia de que fóra aprisionada a regente, seu marido e o joven tzar, sem resistencia.

— Não os quero vêr — disse Isabel.

Mandou levar os presos no trenó para o seu palacete, escoltados pela cavallaria da Guarda.

Feito isto entrou no palacio imperial, victoriosa, como soberana da Russia, no mesmo palacio onde ha pouco chorara e tremera como uma criminosa.

Umás após outras chegaram as noticias de que Munnich, Ostermann, Lövenvolde e outros altos funcionarios da regencia estavam sob custodia. A revolução assenhoreara-se do palacio, da capital e de todo o vasto imperio. Nunca houve um governo derrubado com tanta facilidade, sem um tiro e sem se verter uma pinga de sangue, como este da duqueza de Brunswick e de seu marido, que tão inabilmente dirigiam os destinos do paiz durante a menoridade de seu filho Ivan III.

S. Petersburgo foi despertando pouco a pouco e o povo rodeava cheio de jubilo o palacio imperial. Pela primeira vez desde a morte de Pedro o Grande era saudado com alegria um novo imperante.

Emquanto no enorme salão em que morrera seu pae, Isabel recebia os parabens dos seus partidarios, o povo em baixo pedia para vêr a nova tzarina. Mas a formosa mulher, em quem o triumpho despertara a sede de vingança, não quiz mostrar-se. Andava d'um para outro lado com os braços cruzados sobre o peito e exclamava:

— Estão todos em meu poder, nenhum me escapará. Veremos agora se Munnich e Ostermann ainda pensam em me fechar n'um convento, e Lövenvolde, esse ha de pagar a offensa que me fez. Sinto vontade de gritar de alegria e de voar, como uma aguiá, até o sol, por ter esse homem nas minhas mãos. — De repente parou e lembrou-se. — Fix uma promessa de, durante o meu reinado, não castigar ninguém com a pena de morte, hei de cumpril-a. Vou abolir a pena capital, mas os presos



Liège (Belgica). — Os cães atrelados a carros

por enquanto não saberão nada a tal respeito, aguardarão a morte e regosijar-me-hei com as suas angustias.

As aclamações augmentavam de momento para momento, milhares de pessoas chamavam pela tzarina.

— O seu povo deseja vê-la, Majestade — disse-lhe Lestocq.

Isabel embrulhou-se na peliça e sabiu á varanda a ostentar a sua deslumbrante formosura.

Chegaram-lhe aos ouvidos uma infinidade de vivas; os soldados enfiaram os shakos nas pontas das bayonetas e o povo atirou com os gorros ao ar.

— Viva a tzarina! Viva Isabel Petrovna! — exclamou a plebe e as tropas.

A gran-duqueza agradecia com a cabeça; os labios voluptuosos franziam-se n'um sorriso de contentamento Com a comprida capa de pelles, como usavam os pachás da Turquia, na plenitude da sua belleza, parecia um sultão feminino.

EDUARDO NORONHA.

A mulher de ha trinta annos e a mulher de hoje

Se perguntarmos aos que ora entram com desprante na vida, julgando que nada devem ao passado, que o presente é obra sua, e o futuro lhes pertence, o que era a illustração da mulher portugueza de ha trinta annos, não haverá ahi rapaz ou rapariga de mediana educação que não solte uma gargalhada escarninha, ou que, ao menos, não franza a bôcca n'um tregeitar de troça.

E' que essa época de romantismo agudo avulta a nossos olhos a turba desgrenhada das jovens que recitavam ao piano, com os olhos no infinito; que dormiam de collete para adelgaçarem a cinta, defumavam o rosto para obterem a pallidez interessante que a moda reclamava ás heroínas tísicas, que sonhavam com o menestrel choroso que por noites luarentas as viria buscar para um eterno duo de amor, na *cabana* ideal onde se vivia... do ar.

Essas eram as exaggeradas de todas as escolas, as desvairadas de todos os tempos. Mas ao lado d'ellas, as sãs, as ajudadas, que liam os mesmos livros e conheciam as mesmas poesias, não se deixavam levar em excessos de romanticismos piegas, mas amavam os seus poetas e comprehendiam a litteratura do seu tempo.

Não ha por ahi senhora da geração de nossas mães, rudimentarmente educada que fosse, que não tenha chorado com os romances de Camillo, que não tenha discutido e amado Julio Diniz, que não conheça Garrett e Herculano, que se não lembre com saudade da *Lua de Londres*, que não tenha recitado Soares de Passos, Castilho, Palmeirim e Thomaz Ribeiro, que não tenha cantado essas poesias, que entraram no ouvido de todos em modilhas e cantatas, compostas por musicos ignorados.

Isto n'uma época em que a mulher não tinha, como a de hoje, facilidade em se instruir, em que a instrução por essas provincias fóra um caso esporadico, em que os lyceus lhe não eram franqueados e nas escolas superior esse falava do exemplo de Publica Hortencia de Castro, que cursou a Universidade vestida de homem, como d'um caso fabuloso, porventura menos provavel do que a sabedoria de Minerva, a deusa mythologica da sciencia.

O que significa que a mulher joven ha trinta ou quarenta annos, sem ter a alta cultura d'uma grande dama da côrte brilhante de D. Manuel, era, sem duvida, muito superior á de hoje, que não conhece os seus escriptores nem comprehende os seus poetas.

Se bem que a Arte, embora na sua fórma mais intellectual, — a litteratura — não possa dar á mulher o grau de conhecimentos, a somma enorme de noções exactas da sciencia que são necessarias para constituir hoje a educação de qualquer creatura regularmente culta, é bem certo que eleva as almas e constitue um dos mais nobres ideaes da existencia humana.

*A mulher desconhece os escriptores do seu tempo e deixou de

se preocupar pela litteratura, porque não temos romancistas que a interesse e os poetas deixaram de lhe falar ao coração... — costuma dizer-se para desculpar uma falta que todos reconhecem e da qual ninguém se confessa culpado.

Seguramente que a maior, se não a única responsavel, é a mulher que assiste, sem comprehender, ao avançar victorioso da civilização, que ha de expulsar os ignorantes como párias inúteis n'uma sociedade que se encaminha para a luz.

Poetas e prosadores deixaram, é certo, a azinhaga florida do romantismo para seguirem pela estrada arejada de um novo ideal esthetico, para uma fórma mais verdadeira e humana. Mas porque os não seguem as mulheres? Porque se quedam n'uma indifferença que as distancia do seu tempo, que as torna tão alheias a tudo quanto interessa o homem do seu paiz, da sua sociedade, do seu proprio lar?

Não ler porque não ha quem escreva a seu gosto no nosso paiz é . . . apenas uma desculpa. Temos hoje, como sempre tivemos, quem escreva bem. Todos os annos, a par da grande alluvião de livros sem valor que ficam nos depositos das casas editoras para serem vendidos ao peso do papel, ou dados como brinde a quem compra outros livros, publicam-se os bastantes para saciar a curiosidade vulgar em quem tem o habito da leitura.

O que falta não são os escriptores nem as suas obras.

Falta o publico que dê no seu applauso ou no seu desagrado o incitamento de que precisa todo o artista para fazer obra em que ponha toda a alma, toda a energia do seu espirito, na inspiração de progredir e vencer a concorrência, que então se dá material e aspera, mas compensadora para os triumphantes.

Quem lê no nosso paiz? Uma minoria de intellectuaes, que preferem a litteratura estrangeira, e que a maior parte das vezes não compram sequer os livros portuguezes, que poderão ler de emprestimo ou offerecidos.

Lê o povo bastante, mas o povo das cidades, e principalmente os operarios, os livros dos propagandistas, as brochuras que os chamam á consciencia da sua grande miséria; ou lê os romances sensacionais, ultimamente, e por felicidade, substituidos pelos grandes romances historicos ás cadernetas, illustrados, que teem a enorme vantagem — quando não tenham outra — de ser portuguezes e não habituar o povo a dizer nomes disparatados e ridiculos que lhe servem nas traducções.

Não lê no nosso paiz, a grande maioria dos homens, porque não encontram para isso campo que lhes sobre dos seus afazeres ou da vida desgarrada por cafés e clubs, na conversa de conhecidos e amigos encontrados sempre nas horas de sobejo.

Não lêem as mulheres, o que é muito peor. Porque é em toda a parte o grande publico feminino quem lê os poetas e os romancistas, quem assigna os magazines e revistas, quem conhece as mais interessantes brochuras de viagens, quem discute os seus auctores, quem faz, enfim, uma reputação litteraria.

Entre nós, a não ser nos centros intellectuaes de que as mulheres só raramente fazem parte, não se fala em litteratura, não se conhecem os escriptores e não ha — o que é significativo — o menor desejo de os conhecer.

Para muitas senhoras que lêem e gostam de ler é um facto desconsolador o pensarem que serão ridicularizadas e que os ignorantes as alcinharão de *sabichonas* e *doutoras*, se por acaso entram em conversa que transponha os limites litterarios dos folhetins dos jornaes ou da secção das modas.

Mas será isto motivo bastante para se desinteressarem tão completamente pela litteratura do seu paiz?

Fugindo do ridiculo com que foram tão cruelmente perseguidas as romanticas de ha vinte annos, as mulheres deixaram de ler com receio de que as chamassem *litteratas* — o epiteto mais desagradavel que podia ser dito a uma senhora que era vista com um livro na mão.

Pararam, indecisas, isto é, retrogradaram, porque em civilização não ha paragens que não sejam retrocessos.

E foi este o motivo porque se deu o afastamento cada vez mais pronunciado da mulher portugueza pela arte e pelos artistas do seu paiz e do seu tempo. E' desolador este symptoma porque nos mostra como é feita sem elevação moral, nem intellectual, a educação das mulheres que hão de ser as educadoras das futuras gerações. N'umas, as que se dizem educadas, os seus conhecimentos são apenas um mostruario vistoso de habilidades e conhecimentos superficialles, que não illudem ninguém. Outras, conservam-se na mais boçal ignorancia, na mais completa indifferença pelas coisas do espirito.

Mas dando de barato que, por uma estranha repugnancia de espirito, os escriptores de hoje não agradem ás mulheres, porque despresam tudo quanto de grande e bello tinha a do tempo de nossas mães?

Por acaso deixaram os livros de Camillo de ser os mais humanos, os mais portuguezes, de quantos tem escripto e sentido um grande talento portuguez? Por acaso já secaram, como fonte despresada em campo maninho, os lindos olhos das mulheres do nosso paiz, que já não se arrasam de lagrimas na partida de Simão Botelho para o desterro e na morte da linda Thereza e da tragica e simples Marianna?

Tão perdido vae o seu gosto artistico, que já os seus labios se não abrem jucundos sobre as paginas de eterna graça, que o incomparavel escriptor espalhou por toda a sua grande obra?

Tão adversas a preoccupações de espirito, que se não familiarisem com todo esse mundo amoravel e risonho que nós deixou o romancista que deveria ser, por excellencia, o preferido das mulheres, Julio Diniz?

Tão esquecida que já não leia toda essa pleiade brilhantissima de poetas e prosadores que foi a de Garrett e Herculano, até João de Deus, Anthero, Crespo, Eça, e tantos outros que a morte levou; sem falar nos que, por graça de Deus, ainda vivem e trabalham n'esta Patria que devia ser o nosso orgulho e é o tormento de quem a ama e a vê tão outra do que devia ser?

Não, a falta não é dos escriptores, a falta é só da mulher que não está educada bastante (apesar de certos criticos acharem que o está já demais! . . .) para discernir e escolher o bom caminho que o mais vulgar senso commum lhe indica: uma educação séria e fundamentada, começando nas coisas praticas e uteis da vida, acabando na litteratura e na arte em geral, que é por assim dizer a alma falante d'um povo.

E' urgente que se convençam de que a mulher ignorante é o mais triste e aborrecido verbo de escher que a sociedade agasalha. Se é bonita, elegante, e veste bem, começa por ser um prazer para os olhos e acaba por se tornar um desprazer maior para o espirito, quando responde com o mutismo da ignorancia convicta, ou com a tagarelle da ignorancia atrevida, a uma simples conversa em que pessoas cultas jogam com ideias e conhecimentos como as creanças com as irisadas bolas de sabão que tanto as alegam.

Isto olhando-a pelo lado social, que na vida familiar os effeitos da ignorancia feminina são ainda de mais tristes e deletérias consequencias.

ANNA DE CASTRO OSORIO.



Francisco de Castro Mattoso Corte Real
Juiz do Supremo Tribunal de Justiça e digno par do reino
† em Lisboa a 16-8-905



Condessa de Camarido
† em Lisboa a 24-8-905

ECLIPSES

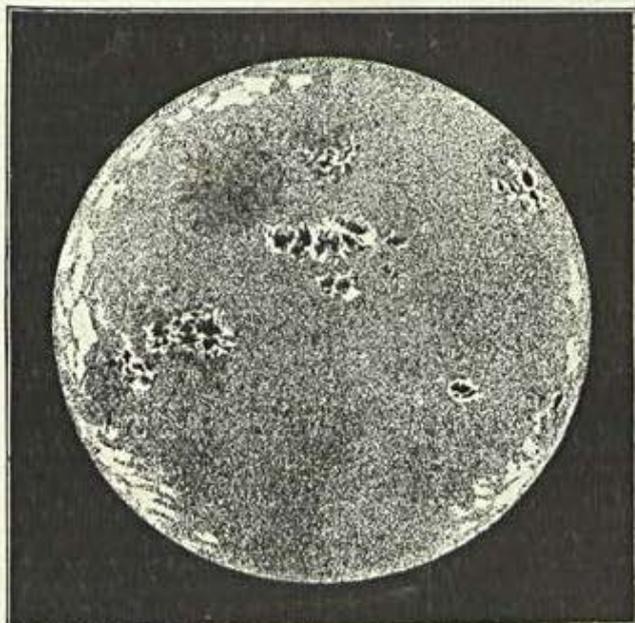
A proposito do eclipse do sol de 30 de agosto, inserimos hoje algumas gravuras interessantes representando aspectos curiosos d'estes phenomenos em varias epocas.

O mais antigo de que ha noticia é o que foi visto na China no anno 775 antes da era christã.

Thales predisse o eclipse total de 585 A. C. Documentos velhos mencionam tambem os eclipses de 431 e o de 310 (de Agathocles) ambos antes de Christo.

E a primeira vez que a attenção dos astrónomos se fixou na *corôa* foi por occasião do eclipse do anno 71.

Desde 1842 a sciencia tem feito observações curiosas das *agulhetas*, *protuberancias* e *corôa*, problemas que pouco a pouco se resolveram, provando-se nos eclipses seguintes que as protuberancias per-



O sol, segundo uma photographia directa

tencem ao sol e não á lua. No anno de 1868, visível na India, Jansen e Lockyer applicaram o espectroscopio á analyse das protuberancias, que lhes revelou tambem a constituição do sol. Em 1893 Deslandres provou que a *corôa* é uma dependencia do sol, por assim dizer a sua atmosphera, pois que acompanha a sua rotação.

Em 1896 Schackleton obteve as primeiras photographias da *ca-mada inversora*. Os eclipses de 1898 e o de 1900 concorreram para



A lua. — Aspecto geral

dissipar duvidas e resolver os problemas tão interessantes d'estes phenomenos curiosissimos.

A sciencia astronomica pode hoje calcular com anticipação de seculos todos os eclipses, bem como todas as circunstancias que ocorreram nos eclipses da antiguidade. Herodoto conta que n'um

dia de batalha entre os Medas e os Lydios se deu um eclipse total do sol. O espanto e terror foram taes que os combatentes se congraçaram e a guerra acabou. Os historiadores de todos os tempos marcaram a essa batalha, ora o anno 626 antes da era christã, ora o anno 583. Mas o calculo astronomico veio dissipar todas as duvidas, provando que ella se feriu a 28 de maio de 585.

Pingré, auctor da *Cometographia*, calculou as datas exactas de todos os eclipses havidos ha 3000 annos a esta parte.

Damos nota dos eclipses que haverá até ao anno 2200, excluindo o de antes de hontem, e que foi total no norte de Hespanha:

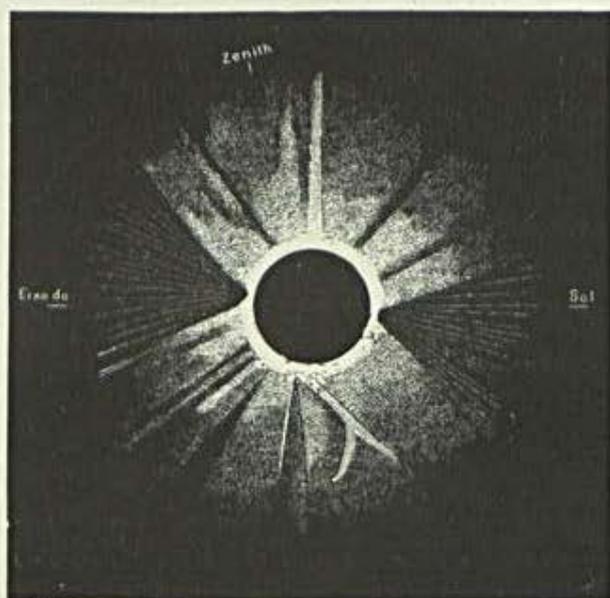
17 de abril de 1912 — total em França;
21 de agosto de 1914 — total na Russia;



Eclipse total do sol, em 29 de julho de 1878, observado no Estados Unidos, nas Montanhas Penhascosas

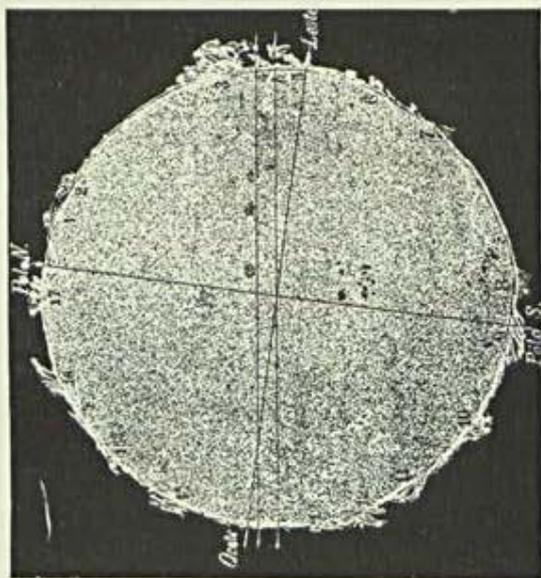
- 8 de abril de 1921 — total na Inglaterra;
- 27 de junho de 1927 — total na Inglaterra;
- 19 de junho de 1936 — total na Grecia e Mar Negro;
- 30 de junho de 1954 — total na Russia e Suecia;
- 15 de fevereiro de 1961 — total no sul da França;
- 21 de maio de 1966 — annular na Grecia;
- 29 de abril de 1976 — annular na Tunisia;
- 30 de maio de 1984 — annular na Argelia;
- 11 de agosto de 1999 — total em França;
- 3 de outubro de 2005 — annular no estreito de Gibraltar;
- 29 de março de 2006 — total na Asia Menor;
- 20 de março de 2015 — total na Noruega;
- 12 de agosto de 2026 — total em França;
- 2 de agosto de 2027 — total na Argelia;
- 25 de janeiro de 2028 — annular no Mediterraneo;
- 1 de junho de 2030 — annular na Sicilia;
- 21 de junho de 2039 — annular na Noruega;
- 11 de junho de 2048 — annular na Noruega;
- 5 de novembro de 2059 — annular em França;
- 13 de julho de 2075 — annular na Italia e Austria;
- 3 de setembro de 2081 — total em França;
- 27 de fevereiro de 2082 — annular em Toulon;

21 de abril de 2088 — total na Tunisia;
 23 de setembro de 2090 — total em França;
 6 de fevereiro de 2092 — annular na Tunisia;
 23 de julho de 2093 — annular em Inglaterra;



*Eclipse total do sol em 19 de agosto de 1887.
 (Photographia feita na Russia). — Corôa e agulhetas*

2 de julho de 2103 — annular na Tunisia;
 8 de dezembro de 2113 — annular em Hespanha
 16 de setembro de 2126 — annular na Suecia;
 3 de junho de 2133 — total no norte de Inglaterra;
 7 de outubro de 2135 — total em Inglaterra, Belgica e Austria;



*O sol. — Coniuncto das protuberancias solares
 (Desenho feito em 23 de julho de 1871)*

1 de abril de 2136 — annular na Tunisia;
 24 de maio de 2142 — total em Inglaterra e Dinamaçca;
 12 de março de 2146 — annular em França;
 14 de junho de 2151 — total em Inglaterra, Belgica e Allemanna;
 4 de julho de 2160 — total em França e Roma;
 14 de abril de 2200 — total em Inglaterra.

Duas das nossas gravuras representam uma explosão no sol, observada por Young na America, em 1821. Diz elle:

«...Notei uma protuberancia enorme no limbo oriental do sol, formando uma como que nuvem negra e comprida, composta de fila-

mentos horisontaes, e fluctuou por cima da chromosphera. Tinha cerca de 161.000 kilometros de comprimento por 88.000 de altura(!)... Horas depois tudo aquillo se despedaçou, e em seu lugar viam-se



Mancha solar, desenhada por Langley em dezembro de 1874

destroços fluctuantes e uma massa de filamentos verticaes que em pouco tempo attingiram a altura de 300.000 kilometros acima da superficie solar. Pouco depois tudo se cespez e a nuvem primitiva transformou-se n'um montão de chammas que se elevaram, em pyramide,



*Mancha solar observada em 14 de outubro de 1883,
 a mais vasta que se tem visto. E' sete vezes maior que a terra*

a 80.000 kilometros. N'essa noite houve uma brilhante aurora boreal na America...

A corôa do sol é uma substancia material que cerca o enorme globo n'uma altura de mais de 500.000 kilometros, e expede raios a 3 e 4 milhões de kilometros.



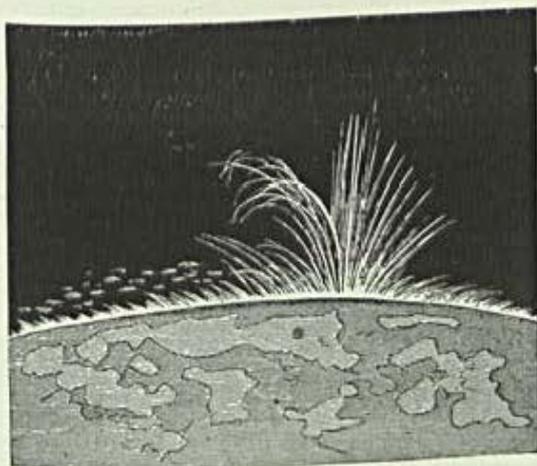
Chammas solares de 228.000 kilometros de altura, 18 vezes o diametro da terra (observação feita em Roma, em 30 de janeiro de 1885)

Por baixo da corôa existe a chromosphera, lençol de fogo de 10 a 15 mil kilometros de espessura. A chromosphera é constituída por

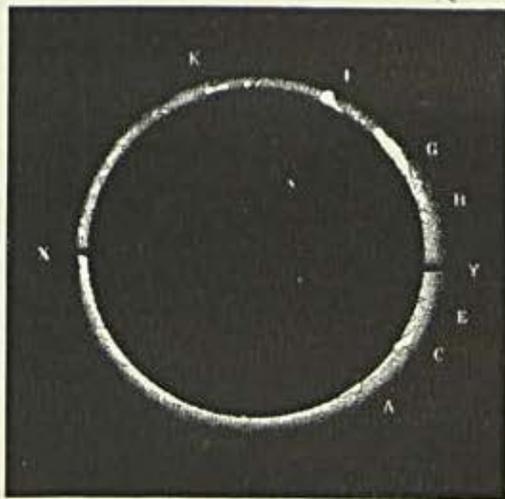


Eclipse total do sol em 22 de dezembro de 1870, observado na Sicilia Corôa e agulhetas

hydrogenio, na parte superior, e vapores de magnesio, ferro e outros metaes. As protuberancias são causadas pelas projecções de hydro-



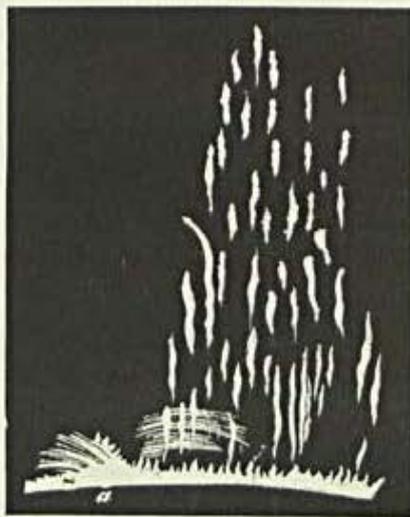
Uma explosão no sol, em 21 de setembro de 1871



Eclipse total do sol em 1860. — Protuberancias

genio expellidas com velocidades superiores, ás vezes, a 240.000 metros por segundo (!)

A corôa e a chromosphera são visiveis apenas durante os eclipses



Uma explosão no sol. Phase maior, em 21 de setembro de 1871

totaes. O que se vê no sol é a superficie luminosa chamada photosphera, na qual assenta a chromosphera. E' d'ella que nos vem a luz e o calor.

Burgos e o Eclipse

Burgos preparou-se para o Eclipse. A municipalidade tratou logo de aproveitar essa circumstancia, proporcionando aos estrangeiros que a visitem todas as commodidades possiveis, e logo se tratou da organização de varias festas: lançamento da primeira pedra para o monumento a Cid; tiro aos pombos; concurso de photographias do eclipse, e corrida de touros. Em Burgos o eclipse é visivel durante 3 minutos e 42 segundos, menos 6 segundos que em Soria, mas como aquella é uma cidade muito importante, com recursos de toda a ordem, foi ahi o ponto escolhido para as observações dos astrônomos. Burgos que é uma deliciosa estação de verão, encerra um verdadeiro thesouro de recordações historicas, verdadeiro museu de monumentos artisticos, muito interessantes. Situada nas margens do Allanson, fica a 363 kilometros da fronteira, e tem a honra de ser a patria do famoso Cid, Rodrigo Diaz de Vivar, o mais notavel dos cavalleiros hespanhoes, immortalizado por historiadores e romancistas. A cathedral é uma das mais afamadas de Hespanha e ainda da Europa, monumento artistico soberbo fundado por Fernando III, o Santo, em 1221. N'ella se admiram diferentes estylos distinctos em ordem ogival e da renascença: as torres, o cruzeiro que



Burgos-Hespanha. — Sepulcro do Infante D. Affonso, em Chartreuse

só se acabou no seculo xvi, o claustro e a escadaria. D'essa cathedral damos uma gravura.
A Chartreuse de Miraflores tem tambem uma reputação universal.



Hespanha. — A cathedral de Burgos

Obra notavel do seculo xv, n'ella se admiram sepulchros que são verdadeiras maravilhas artisticas, como o do Infante D. Affonso, cuja



Burgos-Hespanha. — O Castello de Olmillos



Hespanha. — Passeio de Espolon e Arco de Santa Maria em Burgos

gravura se póde admirar n'estas paginas, onde o leitor encontra tambem, a par de um dos passeios modernos mais concorridos da artistica cidade hespanhola, attestando o seu desenvolvimento commercial, o velho castello feudal, representante solitario da sua velha historia guerreira.

Como se fundaram as "Novidades,"



milio Zola escreveu uma vez, n'um artigo muito notavel com que terminou a sua ultima campanha d'um anno nas columnas do *Figaro*, que o jornalismo era uma grande escola, mas tambem constituia uma prova decisiva, de que só os talentos excepçoes saham victoriosos. As mediocridades morriam todas na lucta. Ao cabo d'um curto praso, tinham dado o que podiam dar. Só os espiritos privilegiados logravam resistir, tirando novas lorças do combate quotidiano, adquirindo novas qualidades na incansavel productividade d'um trabalho incessante.

Assim, articulistas que se estrelavam com desusado brihantismo, cahiam a breve trecho na banalidade mais trivial, porque o jornal conseguira, em pouco tempo, esgotar todos os recursos de que elles dispunham. Nas folhas parisienses quantos nomes tem passado, gozando uma notoriedade transitoria, para voltarem de novo á obscuridade e ao esquecimento! Só os mestres, só os Girardin, só os Veillot, conseguem occupar até á hora derradeira, sem desfallecimentos e sem eclypses, o logar de honra conquistado no campo jornalístico.

Entre nós, em ponto pequeno, succede o mesmo. Quantos tem passado pelo jornalismo, e como são poucos os verdadeiros jornalistas! Conta-se que mr. de Salvandy exclamava um dia: *le journalisme est une carrière à condition d'en sortir à temps*. A palavra do ministro de Luiz Fillipe, mais celebre pelos bons ditos do que pela energia governativa, tem sido muito exemplificada em Portugal. O jornalismo, é geralmente, entre nós, um degrau por onde se sobe ás imminencias da politica. Mas a verdade é que não é facil demorar-se qualquer n'esse degrau, sem o risco de cahir da escada a baixo. Toda a gente é capaz de escrever com mais ou menos facilidade. Raros, são porém, os que podem ser jornalistas, no sentido rigoroso e complexo da palavra. Por isso muitos passam pela imprensa e poucos lá ficam; os que são jornalistas a valer, os que são jornalistas de raça, pódem alcançar as mais altas posições, pódem subir ás mais elevadas dignidades, que hão de ser sempre jornalistas, que hão de morrer jornalistas.

Tivemos d'isso um exemplo glorioso e flagrante em Antonio Rodrigues Sampaio. Ora Emygdio Navarro pertence á mesma familia espirital. E' hoje ministro da corõa, é um dos oradores mais escutados e mais eloquentes do parlamento, é um talento brilhante, cheio das mais variadas aptidões, tem energia e tino para dirigir os negocios, malleabilidade e tacto para dominar os homéms. Acha-se no vigor da idade, e possui uma complexião physica robustissima. Reune, pois, todas as condições para ir longe, para subir muito alto. Porém acima de tudo, mais do que tudo, primeiro do que tudo, é e ha de ser sempre um grande jornalista. As suas glorias de estadista, como os seus triumphos parlamentares, não hão de sobrepujar nunca as victorias que a sua penna lhe conquista na tribuna da imprensa. Os seus artigos hão de valer sempre mais do que os seus discursos, e talvez do que os seus decretos. Pelo menos, hão de individualisar mais accentuadamente a sua personalidade, porque será sempre mais facil en-

contrar quem profira bons discursos ou elabore decretos razoáveis do que achar quem escreva artigos como elle os sabe escrever.

De modo que, satisfazendo os desejos do director da *Illustração* e fallando de Emygdio Navarro, como polemista e como fundador das *Novidades*, terei de o encarar pelo lado proeminente e característico do seu talento. Além d'isso, o Navarro jornalista é exacta-



J. Barbosa Colen
Actual director das «Novidades»

mente aquelle que eu conheço melhor, porque o vi sentado á banca de trabalho, durante mezes consecutivos, sempre com a mesma energia de estylo e a mesma facilidade de escripta, dándonos a nós todos, de quem elle era, ao mesmo tempo, o mestre in-substituível e o camarada affectuoso e jovial, o consolador espetaculo da mais infatigavel e brilhante actividade, que é possível O jornalismo, que é em todos os paizes uma arte difficil, constitue em Portugal um verdadeiro *tour de force*. Em França, por exemplo, Wolff ou Scho'll escrevem chronicas semanaes, Sarcey ou Pontmartin traçam criticas hebdomadarias, Lemoine só de longe em longe publica um artigo nos *Débats*, e os Rochefort e os Cassagnac, que forjam quotidianamente as grandes verrinas politicas, não redigem os *faits-divers*, não se occupam da parte da policia, nem rabiscam noticias amaveis para o *cahier mondain*. Entre nós, porém, não é assim. Os nossos jornaes, em geral, não estão divididos em secções que tenham redactores especiaes. Ali todos escrevem sobre todos os assumptos. E, se por um lado, esta anarchia produz naturalmente menos perfeição e esmero no trabalho de estylo e uma variedade de aptidões, que por outra fórma são dispensaveis. E são estes dotes, aliás rarissimos, que Navarro possui no mais alto grau. E' preciso tel-o visto, abancado na meza da redacção, escrevendo duas ou tres horas a fio, sem um momento de hesitação ou de repouso, fazendo o artigo do fundo sobre um assumpto importante, commentando depois o crime ou o escandalo do dia, apimentando o *suelto* politico e arrendilhando a noticia litteraria, tudo com a mesma rapidez, com a mesma espontaneidade, com a mesma perfeição, para se apreciar devidamente a pujança d'aquella intelligencia, a flexibilidade d'aquello estylo e a energia d'aquello temperamento.

A par d'estas qualidades, que lhe permitem escrever, nos jornaes mais diversos, tres, quatro, cinco artigos por dia, Navarro possui ainda, entre outras faculdades d'um subsidio inapreciavel para a rapida improvisação do jornalismo, uma memoria felicissima, cuja retentiva é verdadeiramente incomparavel, e uma facilidade de assimilação, que lhe permite, d'um momento para o outro, colher informações e accumular conhecimentos, que qualquer outra pessoa gastaria muitas horas a obter e compendiar. Assim, quando a gente o vê percorrer n'um relance todos os jornaes portuguezes e estrangeiros, e julga que elle não leu nada, nem fixou a sua attenção sobre artigo algum, já elle sabe tudo o que esses jornaes dizem de interessante, e começa a indicar aos seus collaboradores aquillo que convém transcrever, commentar, traduzir ou contestar. Este talento especial, que se póde chamar talvez, usando uma phrase um pouco pittoresca, o *faro jornalístico*, nunca o vimos em ninguem tão apurado e desenvolvido. Navarro sabe, como nenhum outro, encontrar o assumpto palpitante, a nota viva, de actualidade, que desperta o interesse e a curiosidade do publico, e encadado o assumpto, ninguem é capaz de o explorar com mais arte, com mais brilhantismo, com mais *successo*. As *Novidades* fizeram-se assim: com artigos de mão de mestre sobre os casos que mais podiam prender a attenção e conciliar a benevolencia do publico. Ora esta é, como todos sabem, a grande sciencia e a arte suprema do moderno jornalismo.

Decerto, Antonio Rodrigues Sampaio foi um notabilissimo jornalista politico e um pamphletario de primeira grandeza. Encontram-se artigos na velha colleção da *Revolução de Setembro*, que são

verdadeiras preciosidades litterarias, que parecem fundidos em bronze e trabalhados por um artista florentino, porque reúnem a rija severidade do metal aos labores primorosos da mais correcta cinzeladura. Decerto, as paginas do *Espectro*, ainda hoje, não se leem sem um fremito d'entusiasmo pelo escriptor audacioso e eloquentissimo, cuja penna traçava, n'uma occulta mansarda, aquellos protestos apaixonados, que soavam como um clarim de batalha no meio dos arraiaes politicos. Sampaio, contudo, era polemista e pamphletario sómente. N'esse campo, não conhecia rival, mas a sua rude penna, que tinha o segredo das phrases que marcam como o ferro em brasa, não podia adaptar-se ás fórmas mais ligeiras e mais delicadas do jornalismo moderno, nem o seu estylo classico, d'um grato sabor vieirense, esmaltado de citações gregas e latinas, se prestava á chronica facil, singela e risonha, que constitue actualmente nas folhas periodicas a leitura favorita do publico.

Ora Emydio Navarro reúne hoje essas duas qualidades, e digo hoje, porque na sua primeira *maneira*, Navarro filiava-se apenas na escola de Sampaio. Mas a sua actual feição é muito outra, e sem perder a mascapa e vibrante energia, que caracterisa agora, como caracterisou sempre, os seus artigos politicos, sabe desenvergar a valente armadura que o seu estylo reveste para os combatentes solemnes, e torna-o mais natural, mais agil, mais vivo, e mais alegre, quando trata, por exemplo, de commentar um caso engraçado ou de descrever uma viagem de recreio. A prova do que vimos dizendo, e a demonstração irrecusavel da perfeita exactidão do confronto que fazemos entre Sampaio e Emygdio Navarro, está nas paginas do bello livro em que este traçou a narrativa da sua digressão á Serra da Estrella, e por outro lado encontra-se, nos artigos que Sampaio publicou outr'ora na *Revolução*, em que pretendeu começar a descrever uma viagem, que fizera no estrangeiro, e que representam um *fiasco*, que o genio galhofeiro e sarcastico de Rebello da Silva explorou muito n'aquella época. E' claro que não trazemos a pello esta recordação para apoucar a fama do glorioso mestre do jornalismo portuguez. Buscamos apenas indicar o caracter moderno, actual, cheio das mais variadas aptidões, que distingue a personalidade jornalística e litteraria de Emygdio Navarro.

Com a criação das *Novidades*, accentuou-se esta transformação no estylo, e para assim dizer, no *feito* jornalístico d'Emygdio Navarro. O brilhante articulista do *Primeiro de Janeiro*, o polemista ardente do *Correio da Noite*, tomou nas *Novidades* uma nova feição, mais humoristica, mais desenfastada, menos facciosa talvez. A



J. Mello Barreto
Secretario da redacção das «Novidades»

politica do jornal, embora definida e resoluta, não era iracunda e ferozmente intransigente. A ironia substituiu a apostrophe, e as dicacidades zombeteiras tomaram um pouco o logar das invectivas violentas, que haviam feito a fortuna do *Correio da Noite*, na quadra em que Navarro o fundára. E' que a indole das *Novidades* era outra, o periodo em que apparecia muito diverso, e tambem não menos differente a parte do publico a que principalmente se consagrava o jornal. O *Correio da Noite* fôra creado para representar a extrema esquerda do partido progressista, para servir como de valvula de segurança por onde se evaporassem as ondas do entusiasmo e

da paixão partidaria, que a grave circumspecção do *Progresso* não podia conter nas suas columnas. Era um jornal *pé-fresco*. As *Novidades*, pelo contrario, alistavam-se na direita do partido, symbolizando assim a modificação soffrida nas idéas politicas do seu redactor principal, modificação por elle definida n'um artigo notabilissimo. Por isso as *Novidades* appareceram com menos virulencia e mais litteratura, menos facciosismo e mais imparcialidade, e puderam publicar nas suas columnas artigos, contos, poesias dos primeiros nomes das letras portuguezas, sem distincção de conventiculos litterarios ou de grupos politicos. D'ahi o exito rapido e excepcional que corou desde logo esta empresa, hoje uma das mais florescentes do jornalismo lisboeta.

O modo como as *Novidades* nasceram, a origem de que ellas provieram, as peripecias que accidentaram o seu periodo d'incubação, os episodios que assignalaram os primeiros mezes da sua existencia, dariam para longos capitulos de historia politica e anecdotica.

além de Navarro: Colen — um *reporter* endemoninhado que é ao mesmo tempo um escriptor de merecimento, e que junta ao seu valioso prestimo, um bello caracter e um excellente coração — o dr. Joaquim Tello — um optimo rapaz, dedicadissimo ao Navarro — e a pessoa que traça estas linhas. Mais tarde, nas vespéras d'apparecer o jornal, reuniu-se-nos Alberto Braga, cujo fino e delicado talento de contista, os leitores decerto conhecem e admiram, e cujo tracto agradabilissimo e encantadora conversa constituem o enlevo de todos os seus amigos — que são tantos quantas as pessoas que o conhecem.

Foi uma noite, passeando no vasto salão do centro Progressista, que ficou decidido crearmos um jornal. Navarro partia no dia seguinte para Luso, e ficavamos nós em Lisboa, para organosarmos a empresa. O Colen pôz-se logo em campo, com a sua actividade incansavel. Ao cabo de dois dias, chamou-me de parte na redacção, e com a phisionomia illuminada por uma alegria incomparavel,

NUMERO 1 17041 — QUARTA-FEIRA, 7 DE JUNHO DE 1885 ANNO 1

ADMINISTRAÇÃO: Rua de São Carlos, 11 e no centro 3

ADMINISTRADOR: F. de Sá

REDAÇÃO: Rua de São Carlos, 11 e no centro 3

ANUNCIOS: De 1000 a 1500

REDAÇÃO: Rua de São Carlos, 11 e no centro 3

Novidades

APRESENTAÇÃO

Este jornal apresenta-se ao publico com o intuito de ser um organo de opinião e de litteratura, e de servir de ponto de encontro para os litteratos e para os homens de bem da patria. O seu programa é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez. O seu organo é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez.

Boletim parlamentar

Boletim parlamentar. O boletim parlamentar da sessão de 6 de Junho de 1885. O boletim parlamentar da sessão de 6 de Junho de 1885. O boletim parlamentar da sessão de 6 de Junho de 1885.

Este jornal apresenta-se ao publico com o intuito de ser um organo de opinião e de litteratura, e de servir de ponto de encontro para os litteratos e para os homens de bem da patria. O seu programa é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez. O seu organo é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez.

Este jornal apresenta-se ao publico com o intuito de ser um organo de opinião e de litteratura, e de servir de ponto de encontro para os litteratos e para os homens de bem da patria. O seu programa é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez. O seu organo é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez.

Este jornal apresenta-se ao publico com o intuito de ser um organo de opinião e de litteratura, e de servir de ponto de encontro para os litteratos e para os homens de bem da patria. O seu programa é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez. O seu organo é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez.

Este jornal apresenta-se ao publico com o intuito de ser um organo de opinião e de litteratura, e de servir de ponto de encontro para os litteratos e para os homens de bem da patria. O seu programa é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez. O seu organo é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez.

Este jornal apresenta-se ao publico com o intuito de ser um organo de opinião e de litteratura, e de servir de ponto de encontro para os litteratos e para os homens de bem da patria. O seu programa é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez. O seu organo é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez.

Este jornal apresenta-se ao publico com o intuito de ser um organo de opinião e de litteratura, e de servir de ponto de encontro para os litteratos e para os homens de bem da patria. O seu programa é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez. O seu organo é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez.

Este jornal apresenta-se ao publico com o intuito de ser um organo de opinião e de litteratura, e de servir de ponto de encontro para os litteratos e para os homens de bem da patria. O seu programa é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez. O seu organo é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez.

Este jornal apresenta-se ao publico com o intuito de ser um organo de opinião e de litteratura, e de servir de ponto de encontro para os litteratos e para os homens de bem da patria. O seu programa é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez. O seu organo é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez.

Este jornal apresenta-se ao publico com o intuito de ser um organo de opinião e de litteratura, e de servir de ponto de encontro para os litteratos e para os homens de bem da patria. O seu programa é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez. O seu organo é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez.

Este jornal apresenta-se ao publico com o intuito de ser um organo de opinião e de litteratura, e de servir de ponto de encontro para os litteratos e para os homens de bem da patria. O seu programa é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez. O seu organo é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez.

Este jornal apresenta-se ao publico com o intuito de ser um organo de opinião e de litteratura, e de servir de ponto de encontro para os litteratos e para os homens de bem da patria. O seu programa é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez. O seu organo é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez.

Este jornal apresenta-se ao publico com o intuito de ser um organo de opinião e de litteratura, e de servir de ponto de encontro para os litteratos e para os homens de bem da patria. O seu programa é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez. O seu organo é o de defender a liberdade de pensamento e de expressão, e de promover a cultura e a civilização do povo portuguez.

Fac-simile do primeiro numero das «Novidades» em 7-1-1885

Talvez os escreva mais tarde. Mas decerto não é este o momento nem o lugar para o fazer. A verdade, porém, é que, pela occasião em que surgiram á luz, e pelas circumstancias que acompanharam a sua apparição, as *Novidades* constituiram um verdadeiro acontecimento politico e litterario. A tiragem dos primeiros numeros foi logo avultada, e enorme a procura. As assignaturas affluiram todos os dias ao escriptorio da administração, e se os politicos devoravam, cheios de curiosidade, os artigos do Navarro e liam com interesse os boletins parlamentares, — extractos quasi tachigraphicos que Navarro faz, em plena camara, *currente calamo*, com uma perfeição admiravel, — os litteratos seguiam com prazer a serie de contos e poesias, que appareciam firmadas pelos nomes mais prestigiosos do nosso mundo litterario, e nos salões elegantes, á luz opalina dos candieiros Gagneau, as meninas disputavam-se por causa das *Novidades*, cujo *carnet mondain* obtinha um verdadeiro successo no *high-life* de Lisboa. Pois tudo isso tinha sido feito, em menos d'um mez, por tres ou quatro homens de boa vontade. Navarro planeára fundar um jornal seu, e, nós todos, os que collaboravamos com elle no *Correio da Noite*, declarámos que o acompanhariamos. Eramos tres ao todo,

olhando-me por cima dos olhos — o que n'elle caracteriza os momentos sollemnes, — disse-me com ar triumphante: — Está tudo arranjado. Temos um homem que dá o dinheiro para o jornal, nas melhores condições... Eu fiquei impassivel, e creio que no meu semblante transpareceu a duvida que o entusiasmo do Colen não conseguira dissipar. Custava-me a acreditar na rapidez do milagre! Colen, furioso, tornou a olhar-me por cima dos olhos, e pegando me do braço, disse-me com impeto: — Você duvida?! Pois venha d'ahi comigo falar ao homem. E fomos, e falámos ao homem, e telegraphou-se ao Navarro, para que viesse do Luso assignar o contracto. Na madrugada seguinte, estavamos os dois na *gare*, e abraçavamos entusiasmados o Navarro, todos ufanos da nossa victoria. Acompanhámo-lo de trem á rua da Madre de Deus, onde elle morava. Estava uma manhã deliciosa, em que a frescura outomnica temperava consoladoramente a atmosphaera, banhada n'um sol deslumbrador. Passeámos durante duas ou tres horas no jardim de Navarro, cuja sciencia botanica e cujo amor pela floricultura disputam primazias ao seus meritos litterarios e ás suas qualidades politicas. O Navarro trata rosas como escreve artigos de fundo

— com a mesma perfeição e o mesmo conhecimento de causa. A diferença consiste em que lhe não importa que lhe notem um defeito n'um artigo, mas vai aos ares se lhe duvidarem da formosura das suas rosas ou da valia dos seus conhecimentos de floricultor.

Nunca me esqueceréi d'aquella palestra, *sub tegmine fagi*, nas ruas saibradas do jardim, em pleno *à vontade*, em plena expansão. Como é curioso recordar hoje o que então dissemos, e comparal-o com os acontecimentos que se realisaram depois! Foi ali que os tres architectámos o plano do futuro jornal, em quanto o Navarro podava as roseiras, e o Colen, todo sorridente, nos olhava por cima dos oculos.

N'esse dia, fallou o Navarro com o homem, deu-lhe a minuta do contracto, ficou tudo combidado, e fomos ao Cosmelli para lavar a escriptura. A' noite o Navarro voltava para o Luso, e o Colen descansava sobre os loiros da victoria.

* * *

A escriptura, feita em principios de novembro, fixava que o jornal devia sahir no dia 2 de janeiro, e marcava os prazos para o estabelecimento da redacção, officinas, etc. Chegaram esses prazos, e o famoso homem, o editor celeberrimo, desentranhava-se em expedientes e ardis para não alugar casa, para não comprar material, para não fazer nada. Os dias passavam — e tudo na mesma! O Navarro, que apesar da sua reputação de ferocidade, é, na intimidade, e sobre tudo em negocios do seu interesse particular, um bonacheirão, um passa-culpas, um caracter d'uma condescendencia e d'uma bonhomia verdadeiramente raras, deixava correr o tempo sem compellir o homem ao cumprimento das obrigações que contrahira. Até que afinal nós puzemo-nos em campo, e o homem assim que viu que não tinha por onde se escapulir, fez as malas e fugiu!

Estavamos em meados de dezembro. Não era possível deixar de fazer sahir o jornal no dia annuciado. Seria um desgosto para nós e talvez um desastre politico. Mãos á obra! E no dia 2 de janeiro apparecia o primeiro numero das *Novidades*, impresso e com posto em officinas proprias. Não se imagina a actividade e energia que o Navarro desenvolveu durante aquelles dias, a sollicitude com que elle cuidou de todos os pormenores, as difficuldades que teve de vencer, a lucta que teve de sustentar. Porque, depois do jornal feito, todos o receberam bem, todos correram para elle. Mas durante o periodo preparatorio, que guerrasinhas, que hostilidades surdas, que tropeços e que barrancos, não foi preciso affrontar! Aguas passadas não móem moinhos, diz o proverbio e eu não o esqueço. Mas foi n'esse periodo agitado e difficil que eu pude avaliar bem a tempera do caracter do Navarro, talhado para a lucta, superior a pequeninas contrariedades, conservando sempre o bom humor e a alegria no mais accesso das contendas, debellando todos os obstaculos á força de tenacidade, de energia e de talento. E' que elle foi educado na rude escola da adversidade, e sem feito o seu caminho só, sem protecções e sem amparos, á custa de trabalho, de sacrificios, de merecimento, e, portanto, não esmorece a meio das campanhas, antes se lhe afervoram os brios e se lhe fortalece o animo quando tem de superar novos obstaculos, e de vencer novas difficuldades. A creação das *Novidades* — nem todos quererão talvez accredital-o — representa um dos maiores triumphos do Navarro durante a sua brilhante carreira publica, e correspondeu a uma transformação de larguissimo alcance para a vida politica da nossa terra. Eu que vi de perto os acontecimentos, posso affirmal-o com segurança, embora não seja adequadamente o ensejo para corroborar este asserto com largas demonstrações.

Sahiram as *Novidades* e já dissemos qual foi o acolhimento que ellas receberam. Dois ou tres dias antes ainda o jornal não tinha titulo. As gazetas da terra haviam publicado que a nova folha do sr. Navarro se chamaria — *A Epoca*. Nós todos prestámos contra semelhante titulo, a um tempo banal e pretencioso. Mas não inventámos outro.

Era preciso um titulo curto, simples, e, sobretudo, que fosse do agrado dos vendedores, que fosse sonoro, para que o rapazio o pudesse gritar bem, á noite, á desfilada pelo Chiado abaixo. Accumulavam-se os alvitres, mas nenhum reunia os requisitos indispensaveis. Até que uma vez, em volta da mesa de jantar, uma senhora lembrou — *Novidades*. O Navarro proclamou logo a senhora, madrinha do jornal, e o titulo ficou, com grande applauso da rapaziada, que o apregoa com enthusiasmo pelas ruas de Lisboa.

Na vespera de sahir o primeiro numero, á uma hora da noite, ainda Navarro não tinha escripto nem uma linha do programma do jornal. E em menos de meia hora traçava aquelle artigo magistral, curto mas elequentissimo, concentrado e profundo, que appareceu á frente das *Novidades*, e que tamanha impressão causou no publico. D'ali a um mez, as *Novidades* reuniam, n'uma ceia de cincoenta talheres, os seus collaboradores e amigos. Já então ellas eram o que se chama um jornal feito, e n'aquella inolvidavel festa d'amigos, Eça de Queiroz e Julio Cesar Machado deram-lhe a ultima consagração, o baptismo elegante — o baptismo do *champagne frappé*.

* * *

Vão já longas estas notas, escriptas *à la diable*, n'um quarto de hotel, fugitivamente, sem plano, sem unidade, sem estylo. Mas a phisionomia a um tempo accentuada e complexa de Emygdio Navarro está bem longe de ficar definida ou sequer esboçada nos traços que aqui temos accumulados. E' que é difficil apanhar e resu-

mir as feições d'um caracter tão notavel, mixto de energia e de bondade, de vigorosa pertinacia e de condescendencia bonacheirona, tão rijo e inquebrantavel na lucta como docil e affectuoso no trato intimo. Aquelle combatente de todas as horas, aquelle athleta habituado a manejar um pesado montante nas pugnas jornalisticas e parlamentares, tem uma alma candida, um coração de oiro, com todas as finas delicadezas da sensibilidade mais requintada e mais subtil. *Les cœurs de lion sont les vrais cœurs de père*. A bella phrase de Victor Hugo tem o mais eloquente exemplo em Emygdio Navarro. O seu amor pelos filhos, os extremos carinhosos com que elle os trata, não se descrevem. Que o digam aquelles que o viram ainda no anno passado abandonar o parlamento no mais acceso das luctas politicas, para passar quinze dias á cabeceira d'um dos filhitos, atacado pela febre escarlatina. E que anciedade, que cuidado o do pobre pae! De resto, já nós o sabiamos, em o Navarro sahindo todo alegre da redacção é que ia passear com os filhos. Uma vez, n'um domingo de verão, o Navarro estivera pouco tempo no jornal, escrevera á pressa um artigo curto, e abalara sem dizer para onde ia e sem se despedir de ninguem, conforme o seu costume invariavel. Era sempre a mesma coisa: á sahida não dizia adeus, á entrada saudava os collegas, batendo repentinamente com a sua bengala de canna da India sobre a banca da redacção. E que querem? Todos nós gostavamos d'aquella rudeza, d'aquella *sans-façon*, porque era franca e leal e não encobria perfidias como tantos mezureiros, que todos nós conhecemos, occultam nas suas phrases alambicadas.

Era tarde de touros, e eu que me prezo de *aficionado*, ás quatro horas e meia metti-me n'uma tipoiça, que bateu para a praça do Campo de Sant'Anna. Ao entrar no camarote, deparou-se-me, n'um outro ao lado, o Navarro todo sorridente, no meio da sua rapaziada. Fui logo vèl-o, e, por entre as gargalhadas dos pequenos, que achavam infinita graça aos tombo do Peixinho gordo, o Navarro contou-me enthusiasmado a seguinte historia:

A's tres horas fôra a casa buscar as filhas e o filhito mais pequeno, dirigindo-se d'alli para o collegio de Campolide, onde está o Armando, o seu *morgado*, um rapazinho d'uma rara esperteza, que aos sete annos já escrevinhava jornaes manuscritos, com que instrua e pasmava a visinhança. Filho de peixe sabe nadar! Chegado a Campolide, o Navarro chamou o pequeno, e disse-lhe seccamente que se vestisse para sahir. O Armando ficou surpreendido, e d'alli a pouco apresentou-se com o seu fato preto dos dias solemnes, mas com o semblante annuviado por um receio invencivel. Suppunha que havia novidade na casa, que a mãe estava doente, e não podia encobrir a tristeza e tinha vontade de chorar...

Navarro, imperturbavel, desceu com o pequeno, e só na carruagem, se decidiu a acabar com o espanto e as suspeitas do filho, gritando-lhe de repente:

— *Eh! boi!*

Fazem idéa decerto da alegria da pequenada, — mas o que não imaginam é a expressão, a um tempo satisfeita e commo vida, com que o pae me contava este episodio, — que os scepticos poderão considerar pueril, mas que nos parece definir e accentuar um dos traços capitaes de phisionomia moral de Emygdio Navarro.

Porque o Navarro intimo é muito diverso do Navarro que o publico conhece, e assim se explica como aquelle homem rude, que não se prende com meticulosidades de etiquetas palacianas, que se não desata em sorrisos nem se prodigalisava em venias cerimoniaes, conte tantos e tão dedicados amigos, e sahisse da redacção do *Correio da Noite* levando atraz de si, espontaneamente, para a sua nova empreza, os redactores, o revisor, os compositores, os machinistas, todos, n'uma palavra, todos promptos a segui-lo, na boa como na má fortuna, por amizade, por sympathia, por gratidão.

A bondade é inseparavel da força. E Navarro é um bom, por isso que é um forte, pelo talento, pela coragem, pela tenacidade no trabalho.

Paris, 15 de julho de 1886.

CARLOS LOBO D'AVILA.

Excavações

Já claro vejo bem, já bem conheço,
Quanto augmentando vou o meu tormento;
Pois sei que fundo em agua, escrevo em vento,
E que o cordeiro manso ao lobo peço;

Que Arachne sou, pois já com Pallas teço;
Que a tigres em meus males me lamento;
Que reduzir o mar é um vaso intento,
Aspirando a esse céo que não mereço.

Quero achar paz em um confuso inferno;
Na noite, do sol puro a claridade;
E o suave verão no duro inverno.

Busco em luzente Olympo escuridade,
E o desejado bem no mal eterno,
Buscando amor em vossa crueldade.

LUIZ DE CAMÕES.

Moçambique

A igreja de Nossa Senhora da Saude

Está situada quasi no fim da ilha, erguendo-se sobre rochedos, em sitio aprazível que domina grande parte da cidade.

Foi ao principio igreja dos religiosos capuchos, e ficou pertencendo ao Estado quando aquelles religiosos se retiraram para a India.

Pela inscripção, que se me deparou n'uma sepultura, que existia no pavimento da capella-mór, vê-se que a igreja foi construida ha tres seculos, pouco mais ou menos.

Diz assim essa inscripção:

29 OV 1633

SEPULTURA DE
ANTONIO COUTI
NHO FUNDADOR
DESTA CASA DE
NOSSA SRA DA SAY
DE E DE SEUS ERDE
IROS — PEDE HVA
AVE MARIA AOS DE
VOTOS DA SNRA

Presentemente não se encontra aquella campã. Para nivelar ou embellezar o pavimento, arrancaram a pedra, e provavelmente puzeram tambem fóra do templo os ossos do seu fundador!

O sr. Joaquim dos Remedios Monteiro, vendo o edificio muito arruinado, mandou reedifical o á sua custa no anno de 1801.

Em virtude do decreto de 22 de junho de 1819, foi a igreja entregue á antiga confraria de S. Sebastião, que fez servir o quintal contiguo de cemiterio dos soldados e pobres que fallecessem no hospital da cidade — cemiterio que se tornou publico, quando, annos depois, ficou o templo a cargo da camara municipal, deixando de se fazer n'elle os enterramentos, desde que se abriu o cemiterio de S. Francisco Xavier em 1879.

Achando-se a igreja muito damnificada, a vereação municipal fez n'ella diversas reparações no anno de 1873; mas não tardou muito que se não apresentasse a necessidade de novas obras. Fechou-se então o templo, por não poder exercer-se n'elle o culto religioso, e a camara passou a servir-se d'elle para armazem municipal de petroleo (!)

N'estas circumstancias se achava, quando o então prelado d'esta diocese, o benemerito e sempre lembrado Bispo d'Himeria, D. Antonio de Sousa Barroso, hoje Bispo do Porto, conseguiu passar aquella igreja para a prelazia, e, fazendo n'ella muitos e importantes melhoramentos, tornou a um dos melhores templos christãos da cidade.

Celebram-se n'esta igreja as festividades da Nossa Senhora da Saude e de S. Sebastião.

Damos em seguida as inscripções que se encontram no exterior do edificio, e que se referem ás obras e reparações realisadas em diversas epochas e das quaes fizemos já menção.

Na cortina do adro, á entrada:

Joaquim do
Rosario
Monteiro
reedificou esta
capella no an'o
de 1801

Na cortina exterior do adro:

A Camara Municipal
reedificou esta capella e me
lhorou a truzessa
1873

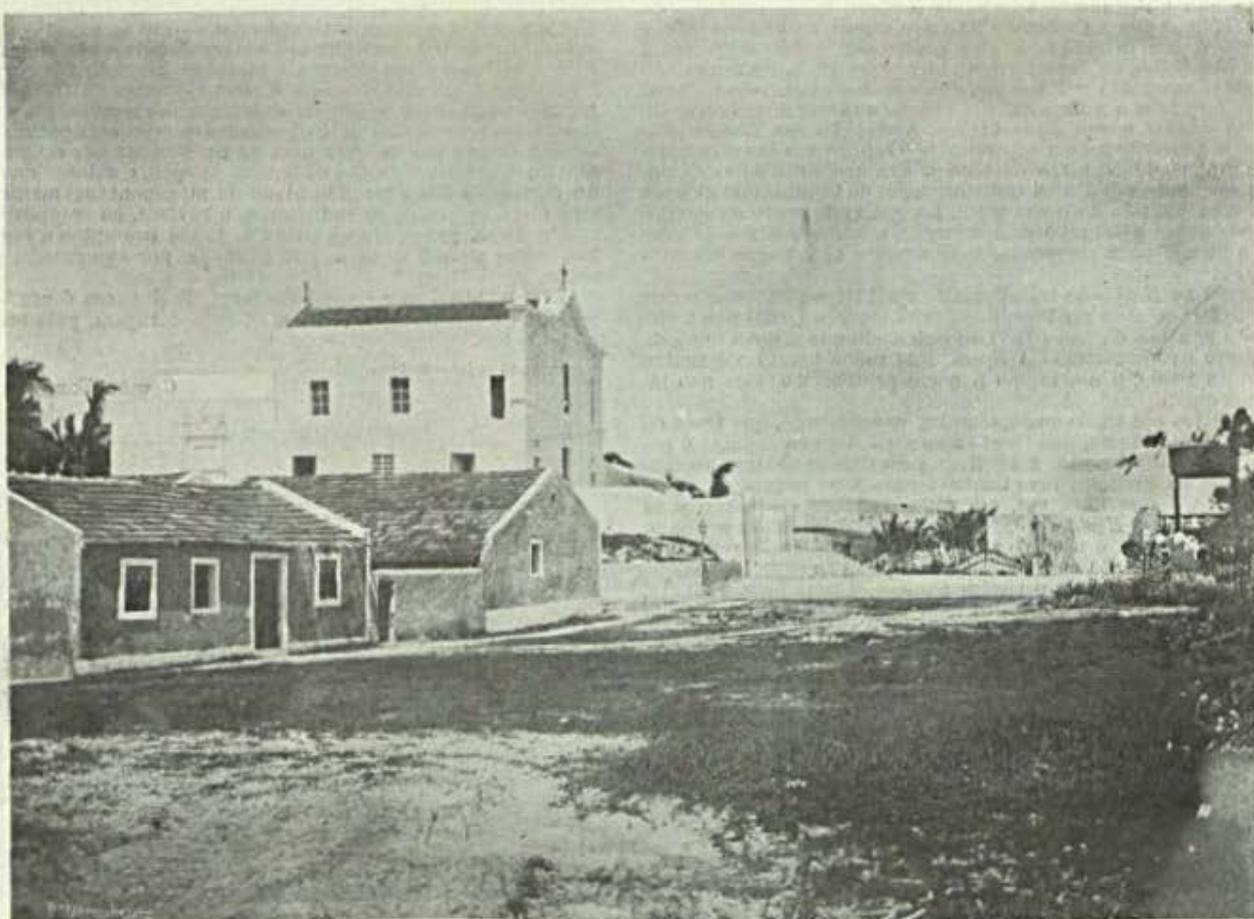
No alto da porta principal:

FOI RECONSTRUIDA ESTA EGREJA
NO ANNO DE 1806
SENDO PRELADO DE MOÇAMBIQUE
D. ANTONIO JOSÉ DE SOUSA BARROSO
BISPO TITULAR D'HIMERIA

A primeira inscripção é aberta em pedra escura ordinaria e é encimada por um ornato representando um vaso de flores; as outras duas são gravadas em marmore branco de Portugal.

Moçambique — 1905.

CAMPOS OLIVEIRA.



A igreja de Nossa Senhora da Saude, em Moçambique